

Forças, transições de fase e vórtices emocionais: para um glossário *imaginifico** do campo analítico

Giuseppe Civitarese**, Pavia

Pode-se afirmar que a teoria pós-bioniana do campo analítico representa a complementação de alguns princípios freudianos clássicos que, finalmente, somos capazes de assumir em sua totalidade, filtrados através do pensamento de Bion: o inconsciente como função psicanalítica da personalidade, o inconsciente inacessível, o trabalho do sonho como atividade de simbolização, um método sistemático de dúvida (o equivalente da epoché em fenomenologia), o modelo pelo qual uma mente se desenvolve a partir de outra mente e da qualidade da sua capacidade de reverie, a reformulação dos escopos da terapia (não mais traduzir o inconsciente no consciente, mas criar/gerar o inconsciente), a ênfase nos continentes psíquicos mais do que nos conteúdos, a centralidade atribuída às transformações psíquicas e o esclarecimento dessas transformações graças às teorias da narratologia. O autor propõe, no presente trabalho, alguns aprofundamentos da teoria do campo analítico na forma de um pequeno glossário mais ou menos imaginifico. Os termos referem-se mais a ferramentas teórico-técnicas úteis para recontatar a dimensão onírico-inconsciente da conversa analítica: a diferença entre fazer análise/ser analista; a metáfora das forças do campo analítico; a nova maneira de conceber o inconsciente como transindividual e cultural ao invés de algo originário e constituído pelos instintos, pelo passado filogenético e pela

* N.T.: Foi mantida a palavra italiana *imaginifico* utilizada pelo autor, com o significado de *criador de imagens*, pois não existe no português um vocábulo equivalente.

** Membro associado da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e membro da *American Psychoanalytic Association* (APsaA) e da *International Psychoanalytical Association* (IPA).

animalidade removida; as nuances do termo metamorfose em relação ao de transformação; os conceitos de personagem, reverie e reverie corporal, receptividade, transformações em sonho e em alucinação; o conceito de verdade como imediato e uníssono.

Palavras-chave: campo analítico, Bion, reverie, transformação em alucinação, transformação em sonho, receptividade do analista.

Para retomar alguns pontos essenciais da teoria pós-bioniana do campo analítico, e à custa, obviamente, de alguma simplificação necessária, eu diria que se trata da complementação de alguns princípios freudianos clássicos que, finalmente, podemos assumir em sua totalidade, filtrados pelo pensamento de Bion: o inconsciente como função psicanalítica da personalidade, o inconsciente inacessível, o trabalho do sonho como atividade de simbolização, um método sistemático de dúvida (o equivalente da *epoché* em fenomenologia), o modelo pelo qual uma mente se desenvolve a partir de outra mente e da qualidade da sua capacidade de *reverie*, a reformulação dos escopos da terapia (não mais traduzir o inconsciente no consciente, mas criar/gerar o inconsciente), a ênfase nos continentes psíquicos mais do que nos conteúdos, a centralidade atribuída às transformações psíquicas e o esclarecimento dessas transformações graças às teorias da narratologia.

Enquanto que a referência a Bion permanece central – as suas intuições clínicas são brilhantes – eu também acharia difícil imaginar uma série de ferramentas, por ele emprestadas para a prática clínica, que não passassem através da obra original, constante e apaixonada, de Meltzer, Ferro, Ogden e vários outros autores que tornaram ditas ferramentas realmente acessíveis. Esse é, no meu entendimento, um aspecto que caracteriza o modelo do campo analítico. Apesar de não ser simples, ao longo do tempo isso permitiu aperfeiçoar uma série de ferramentas extraordinariamente versáteis, de compreensão imediata e facilmente transmissíveis.

Qual é o objetivo de empregar a metáfora de campo? É ampliar a receptividade do analista aos fatos da análise e, conseqüentemente, a sua capacidade de ajudar o paciente a dar um sentido pessoal à experiência. A marca desta psicanálise é, assim, a de ser certamente teórica, além de privilegiar também o momento da confrontação clínica como o âmbito em que analistas – os quais,

por assim dizer, falam línguas diferentes – podem dialogar de forma profícua e verificar o ganho de sentido que algumas ferramentas teóricas nos permitem adquirir.

Com base na teoria do campo analítico, virtualmente todos os eventos ou os fatos da análise podem ser relacionados aos vetores transferenciais múltiplos que se ativam no imediato da sessão. O conceito de *setting* interno se refere exatamente à atitude do analista, que considera cada elemento do texto da análise e, também, do *setting* material, como parte do campo analítico e como expressão virtual da transferência. Por *setting* interno entendo não apenas a associação livre ou a atenção flutuante, mas a possibilidade de resgatar, após cada (inevitável) queda ou *incêndio* do teatro da análise, um ponto de vista capaz de devolver para o campo aquilo que aparentemente se apresenta apenas como fato, evento da realidade externa ou evento histórico, o que implica em não esquecer que a análise se ocupa da verdade do inconsciente e da realidade psíquica.

O analista não se dedica tanto ao objetivo de decodificar conteúdos, mas ao de ajudar o paciente a desenvolver a sua função *alfa*, a *pensar o impensável*, ou seja, a reintegrar aspectos cindidos do si, não elaboráveis, ou digeríveis, ou alfabetizáveis, para poder transformá-los em elementos *alfa* e pensamentos oníricos. Essencial, neste processo, é a disponibilidade da mente do analista para acolher as identificações projetivas do paciente e disponibilizar a sua capacidade de *reverie* (também sensorial/estética). É no jogo $PS \leftrightarrow D$, ♀/♂ (continente/ conteúdo) e $CN \leftrightarrow FS$ (capacidade negativa/fato escolhido) que o trabalho da simbolização pode recomeçar e se desenvolver.

Faz-se uso de interpretações fracas ou insaturadas, mas sempre seguindo os sinais do paciente, visando a não mudar, de uma forma que se torne traumática, pois prematura, o *frame* de referência do seu discurso, algo não muito diferente do que acontece na técnica winnicottiana do jogo dos rabiscos. Isso não quer dizer que não haverá perdas de contato, erros, fraturas inevitáveis na comunicação ou doenças do campo. O próprio *setting* é veículo de *violência*, além de contenção.

Assim, o diálogo, apesar de ser produzido por uma gramática gerativa que se identifica com os procedimentos interpretativos específicos do trabalho analítico, tende a dispor-se em um plano superficial, apenas deslocado em relação a um segundo ou terceiro nível, menos visíveis, mas não por isso ignorados, como nas diferentes estratificações da escritura de um palimpsesto. A verdade emocional inconsciente, para a qual cada vez a interpretação se dirige, é, na maioria dos casos, subentendida, e nos aproximamos dela indiretamente, pois é o reflexo da verdade e não da verdade absoluta, constituindo o resultado de uma negociação sempre em andamento. O modelo do campo analítico conduz a um estilo de

trabalho que coloca muita confiança na força do dizer, nas possibilidades intrínsecas do dispositivo analítico de voltar a dar peso, consistência, densidade à palavra, de reconduzi-la a uma espécie de estado de aurora, não longe da mágica do dizer poético, e, ainda, de instituir suas próprias metáforas e seus dialetos particulares.

Não só no discurso do paciente, mas também naquele do analista, é possível ver os personagens e as tramas como derivados narrativos inconscientes do pensamento onírico da vigília, daquela contínua transformação de elementos *beta* ou protoemoções em imagens visuais (pictogramas ou elementos *alfa*) que a mente é chamada a operar. Ao mesmo tempo, uma *nuvem de elementos beta* já não representa apenas os dados protoemocionais e protossensoriais à espera de serem filtrados pela função *alfa*, mas também um protocontinente. Os elementos *beta* reabrem o jogo da significação, após cada cristalização de sentido, para novos percursos que reconduzem a certa ambiguidade tolerável. Os elementos *beta*, definitivamente, veiculam as pulsões, as emoções, a transferência e, a cada vez, redesenham as linhas de força do campo. A simbolização não pode ser considerada a não ser como algo em contínua tensão com o próprio desfazer-se, na interação dialética das duas polaridades dos pares comoção/confusão e certeza/dúvida.

O analista tenta se liberar dos aspectos doutrinários. Visa ser natural e espontâneo, bem como disciplinado e servir-se de uma linguagem transparente, límpida. Prefere usar roupas nada suntuosas. Cultiva intimamente a consciência do caráter relativo, provisório e conjectural do próprio saber, que é sempre sujeito à revisão, emendável, impermeável às certezas, à arrogância, à assertividade. Quer enxergar nos detalhes do discurso, na mínima pontuação que poderia passar por banal ou não significativa, a presença viva das emoções ou das suas alterações.

Recusando-se ao encerramento definitivo do sentido, a interpretação insaturada, aberta, pede ao outro um trabalho de imaginação. O diálogo pode, então, se desenvolver por linhas imprevistas. Cria-se um clima acolhedor, adequado à percepção das nuances, o olhar se torna mais agudo, descobrindo o prazer do *jogo psicanalítico* ou do *jogo do inconsciente*. Útil é o recurso a uma retórica alusiva (do latim *ad + ludere*, que significa *brincar*), evocativa, elíptica, que sugere sem resolver completamente o sentido, deixando espaço não só ao outro e ao não dito, mas também à reticência, a um silêncio eloquente, nem opaco e nem fechado em si mesmo; silêncio este que cria um espaço côncavo, receptivo, oposto ao barulho e não à palavra, aberto ao im-pre-visto e ao não-conhecido do inconsciente.

O paciente percebe o analista como alguém que tolera a incerteza, as contradições e a complexidade; um indivíduo que aguenta não entender tudo imediatamente e também enfrentar o abismo da insignificância da condição

humana. Além disso, igualmente o percebe como alguém que dispõe de um método a partir do qual confia adquirir e fazer adquirir, em relação a tudo isso, uma nova competência narrativa e um crescimento do pensamento.

A atitude analítica assim delineada pode aparecer minimalista, mas não é absolutamente nem oracular, nem estetizante. Trata-se, ao contrário, de uma configuração técnica caracterizada por forte entonação ética. O analista assume o máximo de responsabilidade para com o seu paciente, sabendo que, no teatro da análise, como Bion jamais cansa de repetir, inevitavelmente há pena, medo e perigo; pensa que a verdade da solidão de fundo da condição humana tenha que se manifestar; que, idealmente, ao concluir a análise, na despedida, o paciente necessita levar consigo o segredo do caráter ilusório do real, o sentido da caducidade das coisas ou, como Searles (1965) aponta, a aceitação da ideia da dor e da morte inevitáveis. Trata-se, no fundo, do lúcido pessimismo que pertencia a Freud, ou da doçura de um ceticismo bem moderado e livre de qualquer idealização do negativo.

Após retomar essas poucas noções-quadro, e como há várias exposições sistemáticas do modelo pós-bioniano do campo analítico (Civitarese, 2008, 2014; Civitarese & Ferro, 2016; Ferro & Civitarese, 2015), proponho, agora, alguns aprofundamentos na forma de um pequeno glossário mais ou menos *imaginifico*. Os termos referem-se mais a *ferramentas* teórico-técnicas úteis para recontatar a dimensão onírica-inconsciente da conversa analítica. Em harmonia com a maneira através da qual o modelo de campo ajuda a encontrar uma ordem no movimento browniano dos eventos do campo, com o objetivo de ilustrar alguns desses elementos especiais, emprego, então, a des-ordem do elenco alfabético. A vantagem de usar vinhetas breves consiste no respeito à confidencialidade e no fato de que, apesar de serem extremamente complexas como poderia sê-lo uma poesia de poucas linhas, mesmo assim elas são menos complexas do que o relato de longas sessões e a sua inserção no quadro da história de vida do paciente e, após, da sua análise.

Fazer o analista ser um analista

A propósito da *Gradiva*, escreve Barthes (2015 [2007]), “Freud assimila aqui, de certa maneira, cura amorosa e cura psicanalítica: ‘[...] não se deve subestimar a força do amor no delírio’” (p. 128). E também: “O desafio da técnica gradiviana: [...] reconhecer o sujeito apaixonado como sujeito, ou seja, testemunhar-lhe a sua existência, o seu próprio valor, e desejar ensinar-lhe algo

sobre ele. Esse reconhecimento deve ser *indireto*” (*Ibid.*, p. 489)¹. Antes de Searles (1959), Loewald e Ogden, falar francamente de amor em análise (*na qual, aliás, só se fala disso*) era um tabu, por ser imediatamente comparado ao *incêndio no teatro*, a imagem que Freud (1914) usa para evocar a transgressão das regras do *setting*.

Chega ao meu celular um torpedo em que L. escreve que não poderá comparecer à sessão devido a um imprevisto compromisso de trabalho. Não a vendo chegar, dou-me conta do torpedo, mas não me sinto disposto a lhe responder. Quando, na sessão seguinte, a reencontro, ela está braba e decepcionada. Com um pouco de vergonha explico por que não tinha respondido. Contudo, sinto como se estivesse *subindo em um pau-de-sebo*, apesar de não ter nada para criticar-me, como se relesse o parágrafo de um manual de técnica psicanalítica. L. objeta com veemência e, com um tom de desespero que me espanta, ela afirma: “... *mas... era eu!*”. Diante de uma afirmação tão surpreendente, contrária à técnica, mas tão óbvia (como não havia pensado nisso!?), não sei bem o que responder. Persevero, então, em uma tentativa de justificação e, ao mesmo tempo, sinto cada vez mais como se estivesse com um peso nos ombros e uma névoa na cabeça, da mesma forma que alguém, muito cansado por sofrer de insônia, não consegue pegar no sono.

Após alguns dias, encontro casualmente o belíssimo trabalho de Ogden (2015) sobre o ensaio de Bion, *Notas sobre memória e desejo*. Pulo na cadeira quando leio que, ao início de uma sessão, ele sente o impulso de falar para a paciente que a amava. Tenho uma espécie de iluminação e digo *que ela tinha mesmo razão!*, pois eu a havia considerado somente como uma paciente e não como uma pessoa. Eu fizera o analista ao invés de tentar sê-lo. Assim que pude, contei para Ogden o quanto havia apreciado o seu trabalho e lhe falei também do papel que ele desempenhara nesse pequeno episódio. “*Of course, Giuseppe*”, me disse, “*because you love her and she’s in love with you!*” [Claro, Giuseppe, pois tu a amas e ela está apaixonada por ti].

Dizer que a análise cura através de uma espécie de amor *indireto* não é errado e nem exagerado. Bion escreve, em algum lugar, que a mãe ama a sua criança com a *reverie*. A mais bela discussão que eu conheço sobre o amor em análise encontra-se em outro ensaio de Ogden, *Lendo Harold Searles* (2007), incluído também no volume *Redescobrir a psicanálise* (2008). Comentando o trabalho de Searles, *O amor edípico na contratransferência* (1959), Ogden afirma que, para analisar com sucesso o amor edípico, o analista deve se apaixonar pelo

¹ N.T.: todas as traduções de citações são de nossa autoria.

paciente, admitindo que os seus desejos nunca poderão ser realizados e que permanecerão sempre na esfera do sentimento².

Forças

Campo quer dizer *campo de forças*. As forças que nos interessam em psicanálise são as emoções. Bion as coloca no lugar das pulsões. A análise tem a ver com o reconhecer, decompor e recompor as linhas de força dessas emoções para, então, orientá-las. A orientação que nos interessa coincide com o que faz crescer a mente. Como se sabe, é vital saber ler e modular as emoções, pois essas levam a agir e induzem certas expressões corporais que, depois, suscitam respostas nos outros, mapeando o ambiente.

A cada instante, teremos a soma total de todas as forças do campo, ou seja, uma emoção, ou melhor, um clima emocional prevalente em relação ao qual o campo funciona como continente. O analista, como lugar/agente/elemento/força do campo, tem a possibilidade de variar a intensidade da sua presença, levando, assim, o campo a encontrar um novo equilíbrio automaticamente. Se não transformarmos em ficções oníricas as narrações da análise, não as vemos como algo atual, presente no aqui e agora.

Naturalmente, as percepções das quais extraímos uma ideia das forças emocionais em jogo são de ordem variada, algumas serão apenas intuídas, apresentando, então, o máximo de insaturação; outras serão evidentes e devem, simplesmente, ser deduzidas por lógica. Quero dizer que nem sempre é tão claro que emoção está em jogo: é preciso interrogar o sonho por imagens e o sonho por sensações, imaginando-os como fenômenos de campo. Registramos os sinais que nos enviam e, fazendo isso, obviamente, alteramos o próprio campo, pois muda a nossa intencionalidade, nos levando a olhar as coisas de forma completamente diferente.

Se entender significa conter e reunir o múltiplo na unidade, um ato assim, por si só, transforma as emoções do campo no sentido desejado de uma diminuição de tensão; produz, além disso, um aumento da intimidade e um crescimento da capacidade de pensar; quando uma nova síntese simbólica se acrescenta às anteriores, se constrói o inconsciente como função psicanalítica da personalidade.

² Cf. também Nacht (1962): "No one can cure another if he has not a genuine desire to help him; and no one can have the desire to help unless he *loves*, in the deepest sense of the word" (p. 210). [Ninguém pode curar outra pessoa se não possuir um desejo genuíno de ajudá-la; e ninguém pode ter o desejo genuíno de ajudar a não ser que *ame*, no sentido mais profundo da palavra].

A direção é aquela que intuímos como sentir-se mais verdadeiro e real. Uma relação feliz de contenção sempre implica em tensão entre forças diferentes. Se não existisse tensão, não teria (a necessidade de) contenção. Mesmo se eu colocar vinho em um copo, há tensão em relação ao esforço muscular realizado pelo braço, pela força de gravidade que preciso desafiar, pela possibilidade de colocá-lo não exatamente no copo, mas derramá-lo sobre a mesa.

O mais próximo/mais longe em que consiste o jogo psicanalítico é expresso pelos pacientes de muitas formas opostas: experiências diferentes de pessoas, lugares, lembranças, fantasias etc. Repito: reconduzir essa multiplicidade a um princípio de ordem é como formar-se um conceito das coisas. A qualidade *vermelho*, que me permite reunir muitos objetos em uma categoria, sem a qual ficariam dispersos, aqui se torna *vetores de emoções*, traduzindo a distância do objeto. O ponto essencial em análise é o fato de não nos contentarmos com transformações sublimatórias de ordem puramente intelectual, mas de necessitarmos formar categorias semiótico-emocionais. O *vermelho* transforma-se em algo que chego a reconhecer como a cor emocional das minhas relações R1, R2, R3 em tantas situações diferentes e aparentemente não ligadas. Compreender, ou seja, *cum-prendere*, expressa exatamente essa ideia de acolher o múltiplice em uma unidade (*pegar juntos*). De unificá-lo. Realiza-se, assim, uma transição de estado.

In/consciente

A teoria do campo analítico inspira-se em uma concepção de inconsciente diferente daquela clássica: o inconsciente como função psicanalítica da personalidade – em definitivo, uma faculdade cognoscitiva da mente – é um *a priori* do pensamento, não inato, mas adquirido. O *a priori* não deve ser confundido com o *inato*. Se a identidade do sujeito é dada pela possibilidade de intuir o tempo, de reconduzir à unidade o múltiplice dos infinitos *agora*, é necessário também que, subjacente, haja um sentimento de si. Esse sentimento deve ser absorvido e desenvolvido pelo outro, ou seja, pelo objeto que presta os cuidados primários ao infante. Aquela que Bion indica como função *alfa*, por uma questão lógica, somente pode ser a soma de sensibilidades, intelecto, razão e capacidade imaginativa da mente. É o jogo que resulta do encontro de disposições inatas com a sociabilidade expressa através da linguagem. Colocar a oposição consciente/inconsciente poderia não ser correto.

Mais correto seria reformular essa oposição com finito/infinito. Não é

completamente verdadeiro que não podemos conhecer de forma direta as transformações da função onírica da vigília. É mais verdadeiro dizer que podemos apenas conhecer elementos tão parciais dela, que os identificamos, por isso, com elementos conscientes (os assim chamados derivados narrativos do pensamento onírico da vigília). Por definição, a totalidade nos escapa.

Para entender o que Bion pretende dizer com *função psicanalítica da personalidade*, pensemos na definição kantiana de função do intelecto como a “unidade do ato que ordena diversas representações sob uma representação comum” (Ciardone, 2007, p. 106). A função é, assim, uma atividade do intelecto que junta, entre elas, representações diferentes e cria uma unidade, a qual é representada pelo conceito. Essa atividade está presente também no sonho, em que, de fato, usam-se conceitos das coisas e criam-se novas sínteses (condensação e deslocamento) entre representações diferentes. A pergunta é: tudo isso é possível sem a linguagem? E aquele que definimos como conhecimento por intuição imediata, conseguido por meio da *fé* (Bion), que estatuto possui? Poderia ser simplesmente um grau zero do conhecimento discursivo ou intelectual? Poderiam, ambos, prescindir da linguagem? O conhecimento intuitivo (*por fé*) não precisa, também, de um sentimento de si, passível de recondução a um conceito de tempo e, em definitivo, à linguagem? Todas as formas do conhecimento humano não podem prescindir de uma conceitualidade de base do sentimento de si. Tudo deve ser reunido em uma consciência. Se não fosse assim, se todas as representações não fossem como uma única representação conectada em um único Eu, as nossas percepções seriam “nada mais do que um jogo cego de representações, ou seja, menos do que um sonho” (Ciardone, 2007, p. 121 / Kant, cap. II, p. 660).

Bion recusa a dicotomia do processo primário/processo secundário (por isso escrevo in/consciente para dar uma ideia da continuidade entre consciente e inconsciente como as duas faces de uma fita de Möbius), e as neurociências fazem o mesmo (Westen, 1999). A oposição binária deveria, talvez, ser reformulada como um *continuum* entre a infinita e incontrolável produção de *sentido* do jogo dos significantes da língua e da linguagem não verbal das imagens e o finito do conceito e do *significado* semântico ou verbal. Obviamente, cada polaridade da constituição psicossomática do ser humano contém o seu oposto: por um lado, as imagens fazem sentido, pois quem as contempla é um sujeito (um ser dotado de autoconsciência); por outro, o significado da palavra se esfuma no sentido semiótico do significante linguístico (do corpo sonoro ou do traço escrito que as veiculam). Consciente e inconsciente estão, assim, em relação dialética entre si, eis que um não se dá sem o outro.

O elemento-chave da passagem ou, melhor, da intensificação de um em

relação ao outro em uma espécie de jogo entre figura e fundo, é a função intencional da atenção; a capacidade puramente humana de privilegiar, na comunicação e naquela comunicação privada, mas sempre intersubjetiva que é o pensamento, uma linguagem, por assim dizer, às vezes mais analógica e às vezes mais digital.

Metamorfose

O primeiro significado relatado no dicionário para *metamorfose* é o de transformação e, em especial, “transformação de um ser ou de um objeto em outro de natureza diferente, como elemento *típico* de contos mitológicos ou de fantasia, muitas vezes objeto de obras literárias, especialmente do mundo clássico” (Dicionário Treccani, s/p). Essa nuance de significado, ao contrário, não é relatada entre as principais acepções do termo *transformação*.

Metamorfose, portanto, é sinônimo de *transformação*, mas relaciona-se também a significados diferentes, mais específicos: se pensarmos na mitologia grega, ou em autores latinos como Apuleio e Ovídio, quem muda, sobretudo, são agentes personagens, protagonistas de histórias. No termo *metamorfose*, em suma, está contida a ideia forte do que permanece idêntico sob as formas alteradas, muito mais do que no termo mais abstrato de *transformação*. As transformações do campo analítico são, mais propriamente, metamorfoses.

Personagens

O campo é um modelo *narratológico* de psicanálise. Para Freud, os personagens da vida real são sempre somente aqueles; por exemplo, Dora, o pai, o senhor K, a mulher dele etc. Para o analista, podem estar apenas no sonho ou na troca da transferência. O paciente lida com ele como trataria os seus objetos mais íntimos. Na teoria do campo analítico, Dora, o pai, o senhor K, a mulher, não teriam alguma consistência real, seriam apenas sombras de um longo sonho. As suas qualidades reais seriam as qualidades dessas sombras. A ótica de campo pede ao analista, em suma, para estar realmente sem memória, desejo e compreensão (pré-constituída); pede para evitar o esforço de lembrar para, assim, deixar espaço à memória que sonha ou à memória involuntária. A questão é passar do *sem memória e sem desejo* de Keats (Bion, 1970) ao *mixing memory and desire* [misturar memória e desejo] que, na célebre poesia de Eliot (©1922), é o efeito produzido pelo renascimento da vida na estação primaveril.

Os *personagens* são as pinças através das quais podemos pegar as emoções que estão quentes sem nos machucar. Poderíamos, também, imaginar um diálogo entre duas pessoas muito atentas ao funcionamento da comunicação inconsciente e que se falam intencionalmente somente por meio de imagens, metáforas, cenas alegóricas. Ou imaginemos duas pessoas que, como acontece em *Gritos e sussurros* de Bergman (1972), falam apaixonadamente de si mesmas e da relação que as divide ou as une, escolhendo, uma de cada vez, peças musicais. Teremos uma ideia do que acontece quando pensamos, ao contrário, que estamos simplesmente nos contando algo que não tem a ver conosco de forma direta.

Reverie

A *reverie* é o veículo de uma intuição *divinatória/fé* em relação ao material clínico, pois estimula sua percepção alegórica: o texto manifesto é interpretado como signo de outro sentido, também muito diferente. Semelhante à alegoria, o texto da sessão sempre fala (também) de outras coisas.

Rolar

Estou indo para a sessão. Vou a pé para fazer um pouco de exercício físico e reduzir uma leve adiposidade que me incomoda há um tempo. Estou ansioso, pois me dou conta de que poderia chegar atrasado, talvez encontre a paciente me esperando, então subiríamos juntos no elevador e a coisa poderia causar um pouco de embarço aos dois. Em uma fração de segundo *vejo-me* rolar (!) de través como uma espécie de homenzinho da Michelin. A rua possui um leve declive e, na minha *reverie*, digo-me que, assim, chegaria mais rápido! Não posso não rir pela engenhosa solução que transforma em um recurso inesperado um leve defeito físico pelo qual em casa afavelmente zombam de mim.

Tranquilizo-me, sabendo que o humorismo é um sinal de boa saúde, em um período como este em que me pergunto se não estou um pouco abatido por causa de algum desconforto físico. Em seguida, um pouco de cada vez, surgem à mente outras leituras. Penso nos possíveis significados de rolar: rolar no chão de tanto rir, rolar na cama (com A.?!), rolar até a *última estação*...

Reverie corporal

Deixar de cumprimentar

É a última sessão do dia. Estou muito cansado. Desde o início da manhã tive que aguentar tensões incomuns. Abro a porta e fico surpreso. Não é a paciente que eu esperava. Por um instante, fico embaçado e não lhe ofereço a mão. *Desperto* após uma fração de segundo. Estendo-lhe a mão e peço desculpas, fornecendo alguma justificativa genérica. Devagar, depois, a cena me volta à mente e se carrega de possíveis significados. Com essa paciente, há algumas sessões, eu procurava reestabelecer um pouco mais de distância. Alguns de meus gestos *paternos* demais, ou de *professor*, em relação a um seu problema concreto de trabalho, tomavam o espaço para outras coisas importantes.

O esquema era *como tu me queres*. Ao não lhe oferecer a mão, imitava essa situação com o corpo. Sentido, eu respondia por minha vez, mas a partir de outra perspectiva, o *como tu me queres* (ou seja, afastado). Assinalava, para ambos, o risco de regressar a certa frieza emocional da série *não dar a mão, ou seja, deixar de cumprimentar*. Obviamente, acrescentavam-se outras considerações sobre a paciente com a qual a confundira, a única entre todos os meus pacientes para quem, efetivamente, por razões que não posso revelar, não ofereço a mão.

Receptividade

Analogamente à teoria kantiana do conhecimento, para Bion não se trata tanto de definir elementos constitutivos originários dos conteúdos psíquicos patógenos como subsistentes em si, mas quanto a *maneira* pela qual eles podem ser conhecidos ou pensados. Entre fenômeno e coisa em si há uma heterogeneidade irreduzível. “O fenômeno não é manifestação da coisa em si, mas a *modificação do sujeito* devido à receptividade da sensibilidade” (Ciardone, 2007, p. 88). Neste sentido, pode-se dizer que Bion põe uma ênfase absoluta na mente do analista como instrumento da cura. Quanto mais a mente do analista for receptiva, mais é capaz de *reverie*, isto é, de iniciar atos de atribuição de sentido à experiência dos quais o paciente não demonstra ser ainda capaz.

Para ser receptivo à comunicação inconsciente que acontece entre ele e o paciente, o analista tem à disposição suas teorias (um dos dois polos de O a ser transformado, o outro tendo sido dado pelos fatos da análise; Bion, 1965) e, em especial, os instrumentos que o põem em contato com o espectro do onírico na

sessão: alucinação, *reverie* corporal, *flash* onírico, sonho, *reverie*, transformação em sonho. Esses instrumentos lhe permitem iniciar transformações dentro de si que, automaticamente, por sua interioridade ser também um lugar do campo analítico, se transmitem ao campo, mesmo quando ambos ficam em silêncio. Tipicamente, pode acontecer que o analista se torne de novo permeável às comunicações do paciente e saia de estados de tédio, encerramento, desinvestimento, confusão. Usando a linguagem fenomenológica, poderíamos dizer que, mudando a sua intencionalidade, ele consegue ver e ouvir coisas novas.

Spleen

P. Porque quero passar a outro assunto. O dinheiro é importante, mas a saúde também é um problema para mim. Houve um período em que estava muito preocupado com a minha saúde. Era um hipocondríaco naquela época. E agora não faço nada, não me preocupo com minha saúde.

A. Ou esse ou aquele extremo.

P. Sim, exatamente. Eu ia ao médico se uma unha quebrasse. Há alguns anos me dei conta de que a minha urina tinha bolhas. Li muito no Google, me preocupava muito que houvesse algo com meus rins. Então fui ao médico. O médico falou que não era importante, mas fez uma US. Descobriu que havia um cisto pequeno, bem, não muito pequeno, mas também não tão grande. Mas me era muito difícil esperar os resultados. Se fosse um cisto ruim... revelou-se benigno depois. Poderia fazer pressão no rim caso crescesse. Um médico recomendou cirurgia para extraí-lo imediatamente, outro, que trabalhava no mesmo hospital, disse não haver necessidade de uma operação urgente, podia-se acompanhar seu crescimento ou não. Desde então não voltei para uma reavaliação. Porém me dou conta de que não me sinto tão tranquilo sobre isso.

A. Parece com medo de ouvir algo ruim.

P. Sim. É verdade. Na época foi tão difícil esperar os resultados. Estar doente me dá medo também. Não quero descobrir que tenho três meses para viver.

A. Três meses? Tu achas que vai ouvir o pior.

P. Sim, há doenças assim. Tu ficas sabendo e depois tens só três meses de vida³.

Esse é um fragmento do texto de uma supervisão. No início, eu experimentava certo cansaço. Vários pensamentos hipocondríacos se acumulavam

³ N.T.: Vinheta clínica traduzida do inglês.

em minha mente. Havia recentemente desmarcado uma consulta com um otorrino (um problema de *ouvido*?) devido a um distúrbio que parecia ter passado completamente, mas que ainda me fazia pensar em coisas muito negativas. Examinara rapidamente a ideia de alguma dificuldade metabólica. Depois pensara no tempo que se escoava, na fadiga que antes não sentia e assim por diante.

Lendo para mim esse fragmento, em certo ponto, A., colega que me apresenta o caso para supervisão, se detém e me pergunta que sentido poderia ter a referência de P. à hipocondria. Respondo que havia tratado disso em um trabalho de alguns anos atrás. Em minha opinião, a hipocondria não é uma doença física, mas psíquica. No escrutínio obsessivo do corpo, é como se o doente tentasse entender por que se produziu nele uma espécie de dissociação psicossomática ou despersonalização. Em uma sessão, a passagem seria lida como uma referência *ao corpo do campo analítico*, uma tentativa de despertar a atenção do analista quanto aos aspectos semióticos, ou *corporais*, ou musicais da comunicação ou do corpo do *setting*.

A. me escuta e acrescenta que P. havia se preocupado também de ter algo no baço, como se me quisesse confirmar o diagnóstico de hipocondria com a típica variação dos sintomas. Mas, em inglês – a língua em que acontece a supervisão – baço é *spleen*. O pensamento vai, com certa surpresa, para a célebre poesia de Baudelaire (1857) (*un jour noir plus triste que les nuits*⁴). É como se o que não se vê sob a hipótese organicista da hipocondria, que, ao contrário, tem a ver com um sofrimento psíquico, fosse imitado pelo aflorar do não-dito ou do ainda-não-dito dessa informação obtida só neste ponto da nossa conversa.

Esclarece-se, então, intuitivamente, qual poderia ser o problema emocional mais recente, aquele de certo *spleen* ou de certa depressão do campo; de uma possível menor receptividade de A. com P., ou minha com A.. Entretanto, dou-me conta de que o meu pensamento voltou a ser lúcido, que não tenho mais dificuldade em prestar atenção. A transformação da hipocondria ou depressão deste campo, em ressonância com aquele que existe entre A. e P., ocorreu.

Foi possível ver, como em um sistema de matrioscas⁵ ou de campos retumbantes de fractais⁶, o *spleen (enfado)* da mãe, que virou o do paciente e, depois, o do campo analítico da análise com N., havia se tornado o *spleen* inicial do campo analítico da supervisão e como, graças aos instrumentos da análise, havíamos conseguido voltar do *maelstrom*⁷ à vitalidade.

⁴ N.R.: *um dia negro mais triste que as noites* (tradução livre).

⁵ N.R.: bonecas múltiplas, uma dentro da outra.

⁶ N.R.: fragmentos estilhaçados.

⁷ N.R.: da turbulência do mal-estar.

Sonhar

A primeira vez em Bassano del Grappa

Encontrava-me em Bassano del Grappa (onde, na realidade, nunca tinha ido antes, e onde deveria ter ministrado um seminário) e não conseguia encontrar o lugar em que me esperavam. Estava muito ansioso por chegar atrasado. Continuava a dar voltas procurando um táxi. Alguns deles se aproximaram, mas sempre ocupados. Encaminhava-me a pé para uma rua e, logo em seguida, percebi que parecia muito perigosa: sinais de degradação e grades de segurança em todas as portas e janelas, como vira somente na América do Sul. A certo ponto, eu me digo: “– Mas em Bassano del Grappa, um lugar tão pequeno, uma situação deste tipo, que absurdo!”. Acordei.

Pensei, *a posteriori*, que minha mente estava tentando digerir o hiperfluxo de emoções *beta* despertadas pela perspectiva de ir a um lugar desconhecido para enfrentar o julgamento de colegas desconhecidos. Em poucas palavras, estava fazendo o mesmo trabalho que Freud (1920) atribui ao sonho, de transformar (neste caso, preventivamente) o susto em angústia.

Transformação em alucinação

O conceito de transformação em alucinação descreve a passagem da *alucinação* (erro perceptivo ou ideativo, lapso etc.) que alguém teve, para a capacidade de reconhecê-la como tal (Civitarese, 2014, 2015). Realiza-se o mesmo movimento quando alguém acorda de um sonho. Como as que pertencem ao sonho da noite, da mesma forma podemos interrogar as *alucinações* que temos ao sonharmos acordados. Não as enxergamos mais com suspeita, como representações inconfessáveis escapadas temporariamente à sua remoção, mas como expressões do trabalho incessante realizado pelo inconsciente para dar um sentido *poético* à realidade.

Ça parle

Dou um exemplo de microtransformação em alucinação derivada de um erro na leitura do texto de uma sessão. Uma paciente, E., diz que não sabe o que esperar da análise, que se entedia, que há limites, mas os limites lhe dão medo e a desencorajam. Depois, o texto vai para o próximo parágrafo e começa com uma

letra A maiúscula sem ponto. Ao ler isso, automaticamente se pensa que A se refere ao analista e que agora se segue a sua resposta. O texto diz que a paciente se sente congelada, sob o influxo excessivo da sua família e, enfim, não completamente presente na sala de análise; que sofre por não contar muito para o outro e que alguém fala sempre e somente de si mesmo. *Dou-me conta, então, após alguns segundos, que ainda é E. que está falando!* Porém, referindo-se, mesmo que brevemente, ao analista, o texto leva a que se avenge a possibilidade de que esse não se sinta valorizado pela paciente, que sofra pelo julgamento que os seus colegas poderiam fazer de seu trabalho e que se veja acometido pelo impulso de fornecer excessivas explicações inteligentes ao invés de acolher as emoções de E., enfim, que encontre poucos estímulos no trabalho. Esse pequeno erro parece, assim, revelar-se muito útil para entender por que razão a paciente insiste em se queixar que as coisas não vão absolutamente bem com o marido, sentindo-se vazia e sempre insatisfeita.

Zigue-zague vs. retorno em U

Em uma sessão levada à supervisão, U. (o paciente) e N. (a analista) duelam do início ao fim. Ele começa dizendo que pensa integrar a cura com a hipnose e com uma técnica de PNL (Programação Neurolinguística). Ela o confronta, interpretando que o paciente está resistindo à análise. U. não se sente compreendido, N. se sente desvalorizada. U. acrescenta que, às vezes, sai das sessões como se tivesse sido atropelado por um caminhão. N. interpreta que o paciente está lhe pedindo para não *bater* mais nele. U. responde algo do tipo: “– Não seja tão sensível!”.

Já há um tempo eu, entretanto, penso que N. deveria praticar um pouco mais de *hipnose* com U.. Permitir-lhe dormir para talvez sonhar, e que ela mesma deveria se conceder tempo e maneira para fazê-lo. Repentinamente, olhando de forma distraída a folha da sessão, as suas iniciais assumem, aos meus olhos, novos significados, além do uso prático de anotar os turnos de palavras. Por um milésimo de segundo, a letra N de N. me parece a trajetória de um ziguezaguear e a letra U de U. semelhante à de um retorno em U..

Eu me havia, assim, procurado uma representação ideográfica do estado emocional que prevalecia no campo, feito de perseguições, fugas e repentinas mudanças de direção para tentar apagar os rastros, assim como se vê nos filmes de ação ou de espionagem. Em certo ponto, U. diz a N. que a análise deveria ter relação com a metafísica, o que nos permite pensar que lhe esteja pedindo para ela, analista, ir além/*μετα* da superfície.

A hipnose e a PNL, que U. julgava serem capazes de auxiliá-la a parar de fumar, talvez sejam úteis no sentido de que N. as ouça como indicações para tornar mais respirável o ar na sala de análise e, assim, tentar deixar a dependência recíproca menos tóxica. Mas é claro que os mesmos detalhes que atraíram a minha atenção e me deixaram surpreso, na vez seguinte, com o contexto sendo diferente, poderiam não ter absolutamente o mesmo significado.

Estilo poético

Do caso proposto em supervisão por S., lemos: “*É a crônica de um encontro que gostaria de relatar aqui, uma crônica que pede para ser recolhida e contada, por razões de necessidade, antes que se torne algo estável e se deposite na minha mente.*”

[...]

Falarei de um encontro e dos seus primeiros desenvolvimentos.

Falarei de um encontro e dos primeiros fantasmas que se materializaram no consultório desde as primeiras palavras desta minha nova paciente.

Falarei de um encontro e das primeiras presenças que invadiram o nosso lugar, antes que se definisse a hipótese de um desenvolvimento seu, concreto, e das presenças que cimentaram a minha mente com interrogações e hipóteses inquietantes”.

Esses dois fragmentos são suficientes para passar a ideia da busca estilística que, de forma inconsciente, o autor perseguiu para escrever o seu caso. É evidente o esforço de suscitar uma intensa reação emocional graças a alguns efeitos de estilo. A qualidade *poética* da sua escrita é *ressonhada* pelo grupo como uma maneira para sonhar no lugar de F., a sua paciente.

F. não é nada poética, as sessões são muito concretas, o clima é árido e desesperador. Inserir poesia e, em conjunto, por antítese, indicar a sua ausência, isso é relido pelo grupo como uma espécie de transformação em alucinação. O colega, de fato, é despertado pelo grupo quanto ao significado do estilo do seu relato, tornando poético algo que não o era absolutamente, um equivalente das alucinações ou dos delírios do analista sobre o paciente, a partir dos quais, despertando, obtemos um verdadeiro sonho sonhado na vigília. Poderia destacar-se, também, o valor de ação envolvido no desempenho estilístico, pelo analista, do relato da sessão, relacionando-a ao conceito de *reverie* corporal (cf. abaixo).

A women

No texto de um debate trazido para supervisão, um colega escreve a propósito de Ms. H., *a women* [uma mulheres], ao invés de *a woman* [uma mulher]. Alguém lhe aponta o erro e daí ele intui que, na sessão, se relaciona não somente com uma paciente, mas com uma pluralidade de pacientes de várias idades. Em especial, também, com as versões de Ms. H. envolvidas em *obscuras relações*, como ela as chamava, ou seja, em destrutivas ligações sentimentais.

Quando Ms. H. conta suas histórias sadomasoquistas, o analista as relaciona defensivamente apenas com a realidade material e não capta o possível significado inconsciente no que diz respeito à relação analítica. Por exemplo, valorizando Ms. H., mulher de sucesso e de carreira, destaca o quanto ela é procurada por *head-hunters* [caçadores de cabeças]. Nesta expressão, porém, o grupo de colegas imediatamente colhe uma figura do campo analítico. O analista que apresenta o caso intui o quanto, por vezes, teve dificuldade em ver em Ms. H. também a criança que, aos quatro anos, ainda não falava.

Assim, ao invés de *permitir-lhe* alimentar-se metaforicamente de Nutella (em um dia em que ela fala disso), ele observa para essa criança que se trata de uma mistura de gordura e açúcar. Dirige-se, em suma, à adulta; escolhe focar-se no conflito, não acolhe suficientemente o pedido de Ms. H. de ser alimentada e, assim, erra o nível e obstaculiza o crescimento psíquico na sessão. Além disso, aparece, dramaticamente, o significado duplo que, na sua relação, a personagem-holograma assume de caçador de cabeças.

Transformação em sonho

O campo é sempre em 4D, ou seja, prevê três dimensões mais aquelas ligadas aos outros sentidos além da visão. O exercício de tratar as personagens do relato analítico como puramente ficcionais, isto é, oníricas, é uma maneira de elevá-las ao estatuto de protoconceitos. O processo de abstração consiste em não levar em consideração algumas diferenças para captar, ao contrário, o elemento comum de vetores de emoções (E), ou seja, de forças do campo. Maria ama Giovanni se torna $E1=Xf(L)Y$; Maria odeia Elena se torna $E2=Mf(H)E$. E representa a emoção e L e H amor e ódio. As qualidades de X e Y correspondem a outras tantas representações das quais nos serviremos para especificar a E em jogo, quando não é tão claro, como nos exemplos abaixo, ou o quanto tudo faz pensar que não se trata de sentimentos verdadeiros. Por exemplo, se digo que

“Anna não deu o presente de aniversário para Lúcio, pois ele não a havia convidado a ir ao cinema”, posso imaginar um mapeamento tipo $E1=Xf(H)Y$, porque $E2=Yf(H)X$. Poderia, também, especificar E_x ou E_y . Não fazê-lo significa lembrar que a direção da emoção é sempre reversível ou recíproca. Se X odeia Y, inevitavelmente Y odeia X. A redução de elementos múltiplos do passado, ou da realidade externa a personagens do teatro do *setting* analítico eleva o nível de formalização das observações que temos à nossa disposição, além de introduzir ordem e regularidade em um fluxo caótico de dados, tornando-os pensáveis.

Para realizar esta virtualização ou transformação em sonho ou em jogo, seria útil fazer o exercício de indicá-los com letras que representam incógnitas. Dou um exemplo. Se Maria falar: “– Ontem Anna foi ao escritório e encontrou Laura, a secretária, que estava à sua espera. Tinha urgência de lhe dizer que Rossi, o diretor, queria vê-la imediatamente. Parece que não estava satisfeito com o seu desempenho no trabalho”. Se aplicássemos a nossa regra, o relato se tornaria: “Ontem A foi ao escritório e encontrou B, a secretária, que estava à sua espera. Tinha urgência de lhe dizer que o diretor C queria vê-la imediatamente. Parece que não estava satisfeito com o seu desempenho”.

Não usar os nomes verdadeiros ajudaria a colocar entre parênteses a sua natureza de objetos concretos. Seria mais fácil pensar que, segundo os casos, A, B e C representam tanto o analista quanto o paciente (embora seja verdade que, em um segundo momento, os atributos das pessoas reais podem ser vistos na ótica de campo para especificar melhor quais as tramas em jogo e as emoções subjacentes a elas). Se tentássemos, portanto, mapear as emoções, poderíamos listar: surpresa, ansiedade, medo, raiva, mas também gratidão. O analista pensaria que a paciente espera ser criticada por alguma falha, mas confia em certa cumplicidade que se criou com ele. Um possível comentário *aberto* poderia ser: “Não é agradável ver-se repreendido, o medo é ser demitido e não conseguir reter a raiva, mas é um alívio dar-se conta que existe alguém ao teu lado”. Uma resposta poderia ser: “Na realidade, depois se viu que não era nada sério”. O vórtice resolveu-se.

Poderíamos ter falado a mesma coisa também sem virtualizar os sujeitos das ações do relato do paciente. Desta forma, estaríamos privados do tira-teima das nossas emoções e *reverie*. Não considerariamos o relato como um sonho que narra simultaneamente, a partir de mais vértices, o que acontece no *agora*, mas diríamos coisas razoáveis, usando principalmente o intelecto. Faltaria o ponto de vista que somente pode ser dado pelo sentir-se parte da causa. Se L. me conta que recém foi ao dentista e que teve a impressão que lhe sugeriram seguir um tratamento inútil, difere de pensar que deve simplesmente mudar de dentista, ou, em uma

perspectiva de transferência, que me esteja imaginando inconscientemente como um dentista ruim (o que não sou), ou que tenha captado, com extrema precisão, algo que produz um vórtice de campo.

Cat-housing

Uma paciente, J., cuida das próprias partes sangrentas tirando da rua gatos doentes e, depois, passando-os para outros e controlando-os para ver se prestam os cuidados adequados. A sessão começa com o relato do último gato salvo, mas logo a seguir *esterilizado* (castrado), pois era agitado demais devido ao fato de estar no cio (*in the hot period*) e deixava por tudo “*his scent and urine and it was awful*” [seu cheiro e urina, era horrível]. Para limpar o ar, J. se intoxicara com clorina. Percebe-se imediatamente como certa incapacidade de se pôr em contato com as próprias emoções mais doloridas é enfrentada com uma cisão da violência, com a identificação projetiva e com o controle onipotente. Um corolário dessa atividade era a participação em um grupo de *WhatsApp* de pessoas interessadas no *cat-housing*. J., porém, queixava-se disso porque ocorria que em uma hora recebia trezentas mensagens!

Como escutamos tudo isso do ponto de vista do campo analítico? Primeiramente, ocorre dizer que é muito útil pensar nas mensagens também sob uma ótica objetivista, ou seja, como uma modalidade obsessiva de enfrentar angústias psicóticas, uma espécie de tentativa desesperada de usar certa hipertrofia cancerígena do pensamento para desligar o corpo estético, do qual nascem emoções violentas. Por assim dizer, para des-personalizar-se defensivamente. Isso já representaria uma maneira de dar sentido à experiência de J. e do analista ao lidar com uma paciente com problemáticas desse tipo.

A nossa compreensão, porém, ainda seria incompleta. Para ser menos incompleta, acredito que deveríamos nos perguntar também o porquê desse relato no aqui e agora; e se, por exemplo, as tantas mensagens do grupo de *WhatsApp* não poderiam ser uma maneira inconsciente de assinalar ao analista uma excessiva estimulação vinda do campo analítico e a necessidade, ao contrário, de funcionar em um nível mais *animalesco*, ou seja, não verbal (o analista deveria, substancialmente, saber *miar*). Ao mesmo tempo, os períodos *hot* dos encontros com o analista parecem estimular demais e pedir defesas *castradoras* para o pensamento. Na mesma sessão, de fato, a paciente lhe pede para reduzir o número das sessões de três para duas. Além disso, essas se desenvolvem *vis-à-vis*, algo que, podemos supor, lhe torna mais difícil não sofrer a pressão reintegradora derivada de um espelhamento também visual e, portanto, corpóreo (sexual) com

o outro, como acontece para os pacientes no divã apenas nos breves momentos da entrada no consultório e da saída.

O problema técnico se torna, então, de que modo acolher as partes feridas sem nelas operar a violência e como usar uma compreensão integrada, não somente intelectual, mas também emocional, envolvendo-se mais na relação graças a uma receptividade *do campo*. No *après-coup* da discussão do material clínico, pareceu igualmente significativa uma breve conversa no início com o analista sobre as suas tentativas de aprender italiano (a língua, mas, agora entendo, também a psicanálise e, em especial, o modelo de campo) e sobre como se encontrava ainda em um estágio apenas inicial. E, logo depois, uma associação minha sobre outra colega que se deslocara por centenas de quilômetros para *salvar*, pela adoção, um cachorro gravemente traumatizado, pois o dono batia nele com o intuito de adestrá-lo.

A sessão terminava ainda com discursos sobre os gatos e sobre como alguns deles têm doenças que demandam cuidados urgentes (!).

Transições de fases e vórtices emocionais

Lemos no conto de Edgar Allan Poe *Uma descida no Maelström*:

Jamais esquecerei a sensação de assombro, horror e admiração com que olhei em torno de mim. O barco parecia pairar, como que por mágica, a meio caminho, no interior de um funil vasto em circunferência e prodigioso em profundidade, e cujos lados perfeitamente lisos poderiam ter sido tomados por ébano, a não ser pela rapidez desnordeante com que giravam, e pela radiância cintilante e espectral que emitiam, conforme os raios da lua cheia, provenientes daquela fenda circular em meio às nuvens que já descrevi, vertiam numa torrente de glória dourada ao longo das paredes negras, descendo para os recessos mais esconsos do abismo (Poe, 1841, p. 113-131).

E, mais adiante:

[...] quando uma grande mudança se operou no aspecto do turbilhão. As vertentes laterais do vasto funil ficaram gradativamente cada vez menos abruptas. Os giros do torvelinho tornaram-se, gradualmente, menos e menos violentos. Pouco a pouco, a espuma e o arco-íris desapareceram, e o fundo

do abismo pareceu lentamente subir. O céu estava claro, os ventos haviam arrefecido, e a lua cheia pairava radiante a oeste, quando me vi na superfície do oceano, com plena visão da costa de Lofoden, e acima do ponto onde o poço do Moskoe-ström *estivera* (Poe, *loc. cit.*).

Aquilo que Poe descreve neste fascinante conto é um vórtice natural que alegoriza, obviamente, um vórtice emocional. Da mesma forma, usando o modelo dos vórtices estudados pela física, podemos imaginar as turbulências do campo analítico. Existem muitas dessas representações tão eficazes também na pintura. Pensemos, por exemplo, em William Turner e em seus *Storm at sea*, *A mountain pass*, ou *Snow storm* representadas abaixo:



W. Turner, *Storm at sea*, © 1824



W. Turner, *Snow storm - Steam-boat off a Harbour's mouth*, © 1842



W. Turner, *A mountain pass*, © 1830

Mas, como se criam os vórtices?

Os vórtices, lemos no dicionário, são gerados quando duas correntes que procedem com diversas velocidades entram em contato, “se criam e se destroem, se propagam e se dispersam, mudam de forma e de dimensões, e a sua duração é tanto mais limitada quanto maior for a turbulência da corrente” (Dicionário Treccani, s/p)⁸. Os vórtices apresentam uma configuração rotatória, o que nos sugere que não se sabe, por um período de tempo, qual pode ser a direção da *saída*. Uma das suas características é a complexidade, razão pela qual não se deixam descrever facilmente.

Em análise, os vórtices se criam a partir de fluidos de emoções turbulentas, a partir do encontro-confronto dos movimentos corporais e das relativas cinestésias de analista e paciente. Os personagens do campo ajudam a *adivinhar* ou intuir a sua natureza. Como as turbulências que mais nos interessam são as que pertencem ao presente, devemos transformar em personagens todas as entidades que aparecem nas narrações do campo.

O protagonista do conto de Poe se salva, pois consegue segurar-se em um barril que o leva até a superfície. Para o analista, o barril são as teorias que deveriam permitir-lhe, nos moldes de um ator brechtiano, esquivar-se, afastar-se, abster-se da parte recitada e *mostrá-la*.

Também Giorgio Agamben (2014) ocupou-se dos vórtices, inspirado por uma nota de Benjamin (2001) que faz deles uma figura da origem enquanto imanente ao presente. Um vórtice nasce da colisão de um fluxo de água contra um obstáculo, ou entre dois fluxos de água em direções opostas. Assim, esta luta

⁸ N.T.: tradução nossa.

entre forças se constitui em uma nova forma caracterizada por sua rítmica. A nova forma atrai os elementos que se encontram próximos ao seu movimento. O estatuto do vórtice, observa Agamben, é singular. É uma forma própria, fechada e bem limitada, mas, ao mesmo tempo, confusa com o *medium* do qual faz parte. Segue leis próprias, mas nada lhe pertence realmente. A palavra-chave, aqui, é *rítmica*. O que o autor descreve é completamente sobreponível à ideia do ritmo como algo que afeta o tempo e, dessa forma, define a singularidade do sujeito. Os *vórtices* (emocionais) do campo analítico (da relação terapêutica) são virtualmente ocasiões para o sujeito (re)nascer. Em *Segni*, enfim, Merleau-Ponty (1960) utiliza a imagem do vórtice para representar o *todo da língua falada* em volta da criança, que a suga para seu interior conduzindo-o – este todo – do ruído ao sentido.

Por que dizemos que aquilo que mais nos interessa são as transições de vórtice? Porque os vórtices dão problemas e não os fluxos emocionais calmos e estáveis. Interessar-se em transições significa estudar os fatores que determinam a mudança e não as entidades submissas à mudança. Posso estudar a água e o vapor áqueo, mas isso não seria suficiente para entender como uma pode se transformar na outra. É necessário levar em consideração outros fatores, por exemplo, a temperatura. Quais são os fatores que fazem subir a temperatura? Incrementos constantes de L (amor), H (ódio), K (conhecimento). Entre os fatores que produzem esses incrementos, o tempo é um dos essenciais.

Verdade como imediato e uníssono

Através dessa visita guiada por alguns conceitos da teoria do campo analítico, gostaria que o leitor tivesse obtido ou esclarecido alguns princípios-chave. Neste modelo, a verdade permanece uma noção central e se identifica com o uníssono emocional entre paciente e analista. Tal uníssono cria ordem a partir da desordem, significado a partir do não-sentido e, portanto, ajuda no desenvolvimento da mente. A psicanálise é capaz de tematizar, de forma acurada, em que consiste o terreno comum de ordem não verbal no qual se apoiam a linguagem verbal e seus significados. Um modelo desse tipo sobre como se desenvolve a mente está completamente em harmonia com as modernas concepções da epistemologia: sugerem uma terceira via entre positivismo ou metafísica e o abandono de qualquer pretensão de verdade em sentido absoluto. O segundo elemento distintivo da teoria do campo analítico é o que liga a verdade, como alimento para a mente, ao imediato.

Eis porque cada coisa é reconduzida ao sonho da sessão, para ver o que analista e paciente têm sob os seus olhos e *sofrem* juntos. Também aqui se trata somente da definição e da aplicação mais rigorosa de um princípio de ubiquidade na psicanálise, o qual apenas em Bion assume realmente o significado programático de um *recomeçamos pelas próprias coisas*. A minha ideia é que, a partir da abscissa da verdade como unísono (com os correlatos da *consensualidade* e constituição intersubjetiva, e não ainda *interpessoal*, da mente, segundo a lição da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty e da consensualidade) e da ordenada da verdade como imediato (um correspondente do conceito fenomenológico da *redução transcendental* ou *epoché*), é possível representarmos um novo terreno comum para os vários modelos psicanalíticos (Civitarese, 2016). □

Abstract

Forces, phase transitions and emotional vortexes: an *imaginifico* glossary of the analytic field

Post-Bionian analytic field theory can be said to complement some classic Freudian principles, which we are finally able to fully adopt, filtered through Bion's thought: the unconscious as the psychoanalytic function of personality, the inaccessible unconscious, the dream work as a symbolization activity, a method of systematic doubt (corresponding to *epoché* in phenomenology), the model by which the mind develops itself from another mind and from the quality of its capacity for *reverie*, the reformulation of the purposes of therapy (i.e., no longer translating the unconscious into the conscious, but creating/generating the unconscious), the emphasis on the psychic containers more than on contents, the centrality conferred to psychic transformations and the clarifying of these transformations thanks to narratological theories. The author herein presents some reflections regarding the analytic field theory in the form of a brief and roughly *imaginifico* glossary. The terms refer to theoretical and practical *tools* that can be used to re-establish contact with the unconscious-oneiric dimension of the analytic conversation: the difference between doing analysis/being an analyst; the metaphor of the analytic field forces; the new way of conceiving the unconscious as being transindividual and cultural instead of something primary and composed of instincts, a phylogenetic past and removed animality; the nuances of the term 'metamorphosis' compared to that of 'transformation'; the concepts of *character*, *reverie* and bodily *reverie*, receptivity,

transformations in dreams and in hallucinosis; the concept of truth as immediacy and unison.

Keywords: analytic field, Bion, *reverie*, transformation in hallucinosis, transformation in dream, analyst's receptivity.

Resumen

Fuerzas, transiciones de fase y vórtices emocionales: para un glosario *imaginifico* del campo analítico

Se puede afirmar que la teoría posbioniana del campo analítico representa el complemento de algunos principios freudianos clásicos que, al fin, somos capaces de asumir en su totalidad, filtrados por el pensamiento de Bion: el inconsciente como función psicoanalítica de la personalidad, lo inconsciente inaccesible, el trabajo del sueño como actividad de simbolización, un método sistemático de duda (el equivalente de la *epoché* en fenomenología), el modelo según el cual una mente se desarrolla a partir de otra mente y de la cualidad de su capacidad de *reverie*, la reformulación de los objetivos de la terapia (ya no traducir lo inconsciente en lo consciente, sino crear/generar lo inconsciente), el énfasis en los continentes psíquicos más que en los contenidos, la centralidad atribuida a las transformaciones psíquicas y la aclaración de esas transformaciones gracias a las teorías de la narratología. El autor plantea, en el presente trabajo, algunas profundizaciones de la teoría del campo analítico en la forma de un pequeño glosario más o menos *imaginifico*. Los términos se refieren más a *herramientas* teórico-técnicas útiles para reaccionar a la dimensión onírico-inconsciente de la conversación analítica: la diferencia entre hacer análisis/ser analista; la metáfora de las *fuerzas* del campo analítico; la nueva manera de concebir lo inconsciente como transindividual y cultural en vez de como algo originario y constituido por los instintos, por el pasado filogenético y por la animalidad removida; los matices del término *metamorfosis* con relación a *transformación*; los conceptos de *personaje*, *reverie* y *reverie corporal*, receptividad, transformaciones en sueño y en alucinosis; el concepto de verdad como inmediato y unísono.

Palabras clave: campo analítico, Bion, ensoñación, transformación en alucinosis, transformación en sueño, receptividad del analista.

Referências

- Agamben, G. (2014). *Il fuoco e il racconto*. Roma: Nottetempo.
- Barthes, R. (2015). *Il discorso amoroso. Seminario a l'École Pratique des Hautes Études 1974-1976 seguito da Frammenti di un discorso amoroso* (inediti). Milano-Udine: Mimesis.
- Baudelaire, C. (1857). Spleen: Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle. In *Les fleurs du mal*. Paris: Auguste Poulet-Malassis.
- Benjamin, W. (2001). Il dramma barocco tedesco, tr. it. di F. Cuniberto. In *Opere complete, II. Scritti 1923-1927*. Torino: Einaudi.
- Bergman, I. (1972). *Sussurri e grida*. [DVD]. Sverige: Cinematograph AB; Stockholm: Svenska Filminstitutet. Titolo originale: "Viskningar och rop".
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. London: Karnac, 1984.
- Bion, W. R. (1970). *Attencion and interpretation*. London: Tavistock.
- Bion, W. R. (2009). *Apprendere dall'esperienza*. Roma: Armando Editore.
- Ciafardone, R. (2007). *La Critica della Ragion pura di Kant. Introduzione alla lettura*. Roma: Carocci editore.
- Civitarese, C. (2016). Truth as immediacy and unison: a new common ground in psychoanalysis? Commentary on essays addressing "Is truth relevant?". *The Psychoanalytic Quarterly*, 85 (2): 449–501.
- Civitarese, G. & Ferro, A. (2016). Psychoanalysis and the analytic field, com A. Ferro. In A. Elliott & J. Pragier (Eds.), *The Routledge Handbook of Psychoanalysis in the Social Sciences and Humanities* (pp. 132.148), London: Routledge.
- Civitarese, G. (2008). *L'intima stanza. Teoria e tecnica del campo analitico*. Roma: Borla.
- Civitarese, G. (2014). *I sensi e l'inconscio*. Roma: Borla.
- Civitarese, G. (2014). Transformations in hallucinosis and the receptivity of the analyst. *Int. J. Psycho-Anal.*, 96 (4):1091-1116.
- Civitarese, G. (2015). Styles of criticism: Answering comments by Florence Guignard, Helmut Hinz and Paulo Sandler on "Transformations in hallucinosis and the receptivity of the analyst". *Int. J. Psycho-Anal.*, 96 (6): 1683-1690.
- Dizionario Treccani. *La cultura italiana*. Vocabulário online: <http://www.treccani.it/vocabolario>, 2016.
- Eliot, T. S. (© 1922). *The Waste Land. I. The burial of the dead*. [Bartleby Poesia Online].
- Ferro, A. & Civitarese, G. (2015). *Il campo analitico e le sue trasformazioni*. Milano: Raffaello Cortina.
- Freud, S. (1901). Frammento di un caso di isteria. In *OSF* (Vol. 3), Torino: Bollati Boringhieri.
- Freud, S. (1914). Per la storia del movimento psicoanalitico. In *Opere*, 7. Torino: Boringhieri, 1975.
- Freud, S. (1920). Al di là del principio di piacere. In *Opere di Sigmund Freud* (Vol. 9). L'Io e

- l'Es e altri scritti 1917-1923. Torino: Bollati Boringhieri, 1986.
- Loewald, H. (1979). The waning of the Oedipus complex. *J. Amer. Psychoanal. Assn.* 27: 751-75.
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Segni*. Milano: Il Saggiatore, 2015.
- Nacht, S. (1962). The curative factors in psycho-analysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 43:206-11.
- Ogden, T. H. (2007). Reading Harold Searles. *Int. J. Psycho-Anal.*, 88: 353-369.
- Ogden, T. H. (2008). *Riscoprire la psicoanalisi. Pensare e sognare, imparare e dimenticare*. Milano: CIS, 2009.
- Ogden, T. H. (2015). Intuire la verità di quello che accade: a proposito di “Note su memoria e desiderio” di Bion. *Rivista di Psicoanalisi*, 61: 843-864.
- Poe. E. A. (1841). Uma descida no Maelström. In *Contos de imaginação e mistério*, (pp. 113-131). Trad. Daniel Abrão. São Paulo: Tordesilhas, 2012.
- Searles, H. F. (1959). L'amore edipico nella controtraslazione. In *I sentimenti del terapeuta*. Torino: Bollati Boringhieri, 1992.
- Searles, H. F. (1965). *Collected papers on schizophrenia and related subjects*. Paris: PUF.
- Turner, W. (© 1830). *A mountain pass*. Aquarela sobre papel. 308 x 491 mm. London, UK: Tate Museum. Recuperado de <http://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-a-mountain-pass-d25213>
- Turner, W. (©1824). *Storm at sea*. Aquarela sobre papel. 196 x 275 mm. London, UK: Tate Museum. Recuperado de <http://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-storm-at-sea-d25373>
- Turner, W. (©1842). *Snow storm – Steam-boat off a Harbour's mouth*. Óleo sobre tela. Support: 914 x 1219 mm; frame: 1233 x 1535 x 145 mm. London, UK: Tate Museum. Recuperado de: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-snow-storm-steam-boat-off-a-harbours-mouth-n00530>
- Westen, D. (1999). The Scientific Status of Unconscious Processes: Is Freud Really Dead?. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 47: 1061-1106.

Recebido em 31/03/2016

Aceito em 27/04/2016

Tradução de **Patrizia Cavallo**
Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Giuseppe Civitarese
1 Piazza A. Botta
27100 Pavia – Italia
e-mail: gcivitarese@gmail.com

© *Giuseppe Civitarese*

Versão em Português da Revista de Psicanálise – SPPA